



Artigo

CIÊNCIA E ARTE: UMA PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO ESPAÇO CIÊNCIA EM CENA

Carolina Luiza de Castro da Silva

Adrielly Ribas Moraes

Shirley Lima de Azevedo Neta

Resumo

Na sociedade contemporânea muitos são os meios de propagação e popularização da ciência, entre eles os museus. Da mesma maneira, muitas são as questões que surgem durante o processo de transposição didática necessário à popularização da ciência. Portanto, este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre ciência e arte, seu papel e implicações no processo de popularização do saber científico. Para tal, entrevistamos os dois responsáveis por um espaço de divulgação científica na cidade do Rio de Janeiro, o Ciência em Cena. Os resultados reforçam que a relação ciência e arte é bem estreita e, mais do que isso, a divulgação científica e seus locais de reprodução são espaços de questionamento e construção dos saberes necessários à formação de cidadãos capazes de solucionar os desafios da vida moderna, adotando uma postura crítica em relação à ciência.

Palavras-chave: Arte e ciência; Divulgação científica; Museu de ciências.

Introdução

As atividades de divulgação científica objetivam colocar os conhecimentos científicos ao alcance do público leigo, para que este possa utilizá-los nas tomadas de decisões individuais e coletivas de maneira consciente. Na sociedade contemporânea muitos são os meios de popularização da ciência, entre eles os museus, e muitas são as questões que surgem durante o processo de transposição didática necessário à essa popularização, em especial no ambiente museal.

A literatura especializada aponta que a educação museal não pertence ao domínio da educação regular, seriada, sistematizada e intra-escola, apesar de possuir relação com este universo. Assim, é importante que a educação museal não seja resumida em sua relação com a escola, visto que há inúmeras possibilidades de práticas dentro do campo educação em museu que não abarcam somente a transposição pedagógica formal para o espaço não formal ou museu enquanto complemento da escola. (LOPES,1991).

Segundo Marandino (2005) essa transposição ocorre porque há a necessidade de adaptar os conhecimentos científicos ao ambiente museográfico. Esta adaptação por si só implica em transformação de saberes, e, portanto, em produção de novos saberes. Pois, à medida que são didatizados, organizados e apresentados, estes incorporam valores socioculturais que não refletem seu contexto de origem (o científico) (op. cit.) e se desdobram em possibilidades de práticas educativas diversas nos museus.

Desta maneira, este trabalho tem foco central nos museus de ciência e no desenvolvimento de diferentes estratégias de educação museal que privilegiam uso de novas linguagens e abordagens, permitem maior participação do visitante e objetivam colocar os conhecimentos científicos ao alcance do público leigo, para a compreensão dos fenômenos das ciências naturais.

Em consonância com Marandino e Ianelli (2012) os museus de ciência apresentam três fases gerais. A primeira seria a fase dos gabinetes de curiosidade e coleções, que passaram a ser usadas no século XVIII para pesquisa de ciências naturais e apreciação do público geral. A segunda fase compreende o século XIX e a associação dos museus de ciência a indústria e a ideias de progresso, bem como às teorias científicas e positivistas comuns ao período. A terceira geração, mais recente, tem lançado seu olhar para divulgação da ciência e para interação do visitante pensando em uma educação de ciências mais dialógica.

[...] no início do século XXI, a necessidade da transposição didática já está sendo compreendida na elaboração das exposições. Desse modo, há a preocupação em se tornar a exposição acessível ao público, de maneira que ele a compreenda, e ela se torne significativa. Os autores apontam também que a existência de aparatos não garante a aprendizagem: "(...) um bom experimento interativo personaliza a experiência de cada visitante e atende às individualidades de interesse e de conhecimento prévio" (ibid., p. 217). Portanto,

a simples existência de aparatos não é suficiente. É preciso que o visitante seja ativo e engajado intelectualmente, antes de tudo. Segundo eles, é intenção trazer a cultura da sociedade para dentro dos museus, fazendo com que as visitas possam contribuir para a alfabetização científica dentro de uma abordagem que promova a articulação entre ciência, tecnologia e sociedade. (MARANDINO e IANELLI, 2012.p. 20 e 21.)

Ao longo das três gerações Marandino sintetiza alguns modelos de educação em ciência, que foram aplicados em Museus de Ciência ao longo dos séculos, diante das inovações no campo da pedagogia e de como cada período e corrente compreendia a educação. Neste contexto a autora elenca o modelo tradicional, tecnicista, construtivista e ciência-tecnologia-sociedade respectivamente (MARANDINO e IANELLI, 2012).

Ao pesquisar sobre o potencial educativo dos museus em relação às ciências, entendemos também a importância de problematizar sua prática e discurso, para a formação de uma consciência crítica ou para uma educação tecnicista.

Para isso, este estudo parte de pressuposto teórico de que o discurso pedagógico e científico da exposição museológica, assim como em outros segmentos da educação, revela as concepções e intenções sobre a educação, ou seja, ela não é neutra, visto que estão atreladas as relações sociais, institucionais, políticas, econômicas e históricas.

[...] as ações educativas desenvolvidas nos museus não são ações espontâneas, mas ações propostas para responder a intencionalidades e cumprir objetivos específicos voltados para determinados públicos, de acordo com o contexto e momento histórico em questão. Este pressuposto pauta-se no entendimento de que a educação uma prática histórico-social e que tal prática é constituída de ações mediante as quais as agentes pretendem atingir determinados fins relacionados com eles próprios. Ações que visam provocar transformações nas pessoas e na sociedade, ações marcadas por finalidades buscadas intencionalmente. (MACHADO, 2009, p.9)

De acordo com Machado, (2009), os museus desenvolvem, pensam e planejam suas práticas educativas por profissionais que estão atrelados em alguma “instância de sua estrutura organizacional”, nesse sentido a autora aponta que os referenciais teóricos e metodológicos das ações educativas informa, de maneira explícita ou não, o direcionamento político/filosófico e pedagógico dessa prática institucional, assim como a do setor educativo que desenvolve o trabalho.

Assim, neste trabalho buscamos rever e discutir o conceito divulgação científica, salientando sua relevância para a produção de saberes além muros das escolas; apresentar o Ciência em Cena, um importante espaço museográfico de divulgação científica; e discutir, brevemente, a relação entre ciência e arte. Para isto, entrevistamos dois responsáveis pelo Ciência em Cena, e a partir desse material empírico tecemos nossas considerações.

A relação ciência e arte

As discussões acerca da relação arte e ciência remontam à Grécia Antiga, passam por Leonardo Da Vinci e chegam ao século XX, momento no qual os questionamentos sobre ciências ganham novas proporções e geram maior interesse. Em particular após a publicação, em 1959, de “As duas culturas” de Charles Snow. Ensaio no qual o autor discute o distanciamento entre as ciências naturais e as humanidades. Mais recentemente, Jean-Marc Lévy-Leblond afirmou que à ciência contemporânea falta a dimensão crítica presente na área artística. Isto ocorre porque o atual fazer científico está em um momento no qual a produção se tornou uma preocupação muito mais premente que o próprio conhecimento (MASSARANI, MOREIRA e ALMEIDA, 2006).

A relação ciência e arte pode ser facilmente visualizada na atividade de pintores, que utilizam noções matemáticas de profundidade, volume e proporção para pintar seus quadros. Em outros momentos, a ciência se configura em objeto da arte, como no quadro “Lição de anatomia” do pintor holandês Rembrandt.

Apesar da resistência de alguns educadores, seu caráter lúdico pode auxiliar o processo de abstração e compreensão dos conteúdos científicos. Como relatado por Roque (2007) ao narrar o uso de atividades teatrais em aulas de uma disciplina optativa no curso de Química da UFBA. A autora afirma que o teatro, aliado às discussões realizadas, auxiliaram a compreensão de alguns conceitos químicos. Contudo, a mesma não utilizou método avaliativo para chegar a essa conclusão.

Não tencionamos aqui questionar ou valorar a afirmação de Roque. Entretanto, é importante salientar que para muitos o ponto fraco da divulgação científica é justamente esse: como avaliar o que de fato um “espectador” compreendeu durante o processo de divulgação? Como saber se este ouvinte não percebe esta divulgação apenas como um momento de entretenimento? Não pretendemos responder essas questões, pois não sabemos se é possível fazê-lo. Todavia, essa é uma discussão a ser realizada, embora esta não se caracterize como escopo deste trabalho.

O Ciência em Cena

O Ciência em Cena é um espaço de visitação do Museu da Vida, administrado pela Fundação Oswaldo Cruz. Seu objetivo, segundo seu site¹, é ensinar e informar, de forma lúdica e criativa, sobre ciência, saúde e tecnologia; facilitando a compreensão dos processos científicos e seus impactos no cotidiano.

O Ciência em Cena é dividido em dois espaços distintos, o Epidauro, onde podemos encontrar salas para realização de oficinas diversas, o laboratório de percepção, onde questões físicas e biológicas relativas ao funcionamento do olho humano, às luzes e cores são trabalhadas, e um teatro de menor porte para realização de esquetes teatrais; e a

¹ <http://www.museudavida.fiocruz.br>.

Tenda da Ciência, um teatro com maior capacidade onde são encenadas as peças e intervenções teatrais inspiradas em temas científicos históricos ou atuais.

A escolha desse *locus* de pesquisa ocorreu por tratar-se de um importante centro de divulgação científica, localizado em uma área acessível e de grande visibilidade, a Avenida Brasil, uma importante via de acesso que liga o centro da cidade do Rio de Janeiro à sua periferia. Possibilitando que tanto as classes mais favorecidas quanto as residentes nas áreas mais pobres tenham acesso ao Museu e as discussões que nele ocorrem.

Metodologia

Para compreendermos o funcionamento desse espaço e seus objetivos, aplicamos um questionário, composto por 17 perguntas abertas, aos dois responsáveis por sua organização e funcionamento. Neste buscamos traçar o caminho percorrido por esses dois profissionais durante sua atuação, suas percepções sobre ciência e arte e seu papel na popularização da ciência.

Como estas duas pessoas são responsáveis pelas atividades desse espaço, acreditamos que as informações fornecidas refletem os objetivos da instituição que representam.

Resultados e discussão

Os dois entrevistados são formados em Artes Cênicas, o entrevistado 1 pela UNIRIO e o 2 pela UFRJ. O primeiro é o mediador responsável pela equipe de mediadores e o segundo é *idealizadora, diretora, participante, mediadora, orientadora de bolsistas graduandos em Artes e pesquisadora das atividades cênico-pedagógicas*.

Ambos foram bolsistas do espaço antes de desempenharem suas atuais funções. O entrevistado 2 assevera,

Sim, já fui eu também uma bolsista de Artes Cênicas do espaço entre os anos de 2003 e 2005. Porque o Museu da Vida é a única instituição da cidade que oferece permanentemente uma bolsa de iniciação científica para estudantes de Artes Cênicas (Grifos nossos).

Sua fala salienta a importância de programas que auxiliem permanentemente a formação multidisciplinar dos profissionais envolvidos tanto com ciência quanto com arte em divulgação científica.

O entrevistado 1 trabalha com divulgação científica há dez anos, o entrevistado 2 há doze anos. Essas informações preliminares corroboram a inferência de Machado (2009), ao salientar que as atividades pedagógicas realizadas nos museus não são espontâneas, e sim *ações propostas para responder a intencionalidades e cumprir objetivos específicos voltados*

para determinados públicos, de acordo com o contexto e momento histórico em questão (op. cit., p.9)

A promoção de diálogos e reflexões sobre ciência e sociedade em um ambiente mais lúdico pode possibilitar o aumento de criticidade sobre ciências, sua produção sociopolítica e aplicação na sociedade contemporânea. Contudo, é importante destacar que a maneira como esses diálogos são construídos é fundamental para que seja possível o desenvolvimento de uma visão mais reflexiva. A apresentação dos fatos científicos como conhecimentos acabados, sem que se possibilite discussões a respeito dos valores e representações que se referem a seu contexto sócio histórico de produção, mesmo de maneira lúdica, pouco ou muito pouco contribui para a formação de visões mais conscientes da ciência e seu papel social.

Quanto aos temas escolhidos o entrevistado 2 afirma,

Todos os temas escolhidos, suas abordagens, a metodologia e o público-alvo das atividades é sempre feita em equipe. Atualmente trabalhamos com grupos temáticos e estes são compostos de profissionais de formação multidisciplinar. Através de demandas específicas do Ministério da Saúde, da Fiocruz ou do Museu, de alguma data comemorativa ou histórica, de algum evento relevante, sempre desenvolvemos os conteúdos e oficinas em reuniões de equipe e com a participação dos bolsistas universitários.

A influência de demandas externas, como as do Ministério da Saúde, é corroborada pelo entrevistado 1,

A base para qualquer atividade a ser realizada dentro do Ciência em Cena é a relação Arte-Ciência. A partir desse fundamento e, somado à formação, vivência e interesse de cada mediador, vão surgindo ideias e possibilidades de novas atividades e caminhos para serem trilhados na mediação.

As peças teatrais são o grande diferencial desse espaço, e a respeito de sua elaboração o entrevistado 2 salienta,

Os temas variam ao longo dos anos e eles partem de uma percepção do nosso coletivo. Mas o mais importante é que o tema escolhido seja relevante e suscite no seu público-alvo uma reflexão crítica sobre o fazer científico, sobre o papel que a sociedade exerce em relação aos avanços científicos.

Assim, percebemos uma busca em articular, ciência, arte e sociedade, de modo a suscitar reflexões e promover aumento de criticidade.

Ainda no que diz respeito às peças o entrevistado 1 destaca,

Existe uma grande dificuldade de nossa parte em achar bons textos prontos nessa área que alguns chamam de teatro científico. Existe uma tendência a

encontrarmos textos muito didáticos e com pouca qualidade artística. Sempre buscamos textos que tenham uma excelência artística e que dialogam fluidamente com temas da divulgação científica.

Para driblar essa falta,

(...) alguns dramaturgos eram contratados especialmente para adaptarem ou criarem obras originais (...). Ao longo dos anos isso foi mudando. Às vezes ainda contamos com dramaturgos, mas também já traduzimos textos teatrais estrangeiros e textos já escritos por autores nacionais, podendo ter estes textos uma finalidade em si de tratar de Ciência ou não (Entrevistado 2).

Quanto às avaliações pós-apresentações, o entrevistado 1 salienta,

Da nossa parte, do Ciência em Cena, não há uma avaliação efetiva do quanto o visitante absorveu após a visita ao espaço. Há um retorno imediato do público após apresentações das peças ou das oficinas que se limita a frases como "Gostei", "Muito interessante". Mas uma avaliação mais a fundo não há. (...) seria interessante saber o que fica do nosso trabalho após a visita ao Museu. (...) Para o Ciência em Cena seria uma boa forma de apontar caminhos e estratégias a partir desses dados revelados.

Já o entrevistado 2 afirma,

O meu foco como artista nunca é avaliar o quanto o conteúdo foi ou não absorvido. Até porque nunca partimos da premissa que encenar um espetáculo é transmitir conteúdo. Não estamos ali para ensinar nada. Esse é o papel da escola. Estamos ali para provocar reflexão sobre o tema abordado. (...) É muito subjetivo avaliar de que forma ou o quanto uma obra de arte toca o espectador. Mas sabemos que pode ser um instrumento muito potente e revolucionário de alavancar a formação de verdadeiros cidadãos, homens e mulheres com autoestima, opiniões próprias e visão mais crítica e poética do mundo.

Essa diferença de opiniões mostra que até mesmo entre aqueles que trabalham com divulgação científica há divergências quanto a avaliação e sua necessidade. Uma das razões para que isto ocorra é a própria ideia de arte como fruição, prazer. Perspectiva estritamente relacionada a percepção subjetiva do objeto, que envolve uma série de emoções e sentimentos, nem sempre mensuráveis e que influenciam diretamente o processo de aprendizagem. O simples fato de ser uma atividade fora do ambiente escolar pode facilitar a recepção de novos saberes. Em contrapartida, esta mesma questão pode levar o espectador a perceber a atividade nesse espaço como um momento de divertimento, não problematizando as questões apresentadas. Assim, é preciso questionar de que maneira

podemos avaliar um momento de deleite. Que ferramenta ou ferramentas serão capazes de avaliar esse processo de maneira satisfatória?

O entrevistado 2 ao responder à questão “Muitas escolas levam seus alunos ao Ciência em Cena. Em sua opinião, com que finalidade estas visitas ocorrem? Como entretenimento?”, afirma,

Sim, muitas vezes como entretenimento. Mas também muitas vezes as escolas e as famílias ainda buscam nos Museus de uma forma geral, o conhecimento. Porque elas acreditam que no Museu reside um conhecimento muito elevado que ela não possui e por isso ela vai lá para aprender. O que está errado. (...) Os acervos e exposições de um museu são o reflexo da construção de cada cultura. Seja a cultura em artes ou em ciência. Ambas são fruto de uma sociedade e sua maneira de se organizar. Nesse sentido, o papel da divulgação científica é fundamental para construir uma ponte entre os cidadãos e os laboratórios – pois são parte de um mesmo contexto e precisam se conhecer e se aproximar.

Isto reforça a afirmativa de Marandino (2005) ao asseverar que durante o processo de transposição nos museus há também um processo de construção de saberes acerca do conhecimento comunicado. Quando questionados sobre a relação arte e ciência assim se expressou o entrevistado 1:

Ciência e arte se relacionam e muito! Se pegarmos a história, podemos perceber que uma sempre influenciou/ foi influenciada pela outra. (...) Ciência e Arte tem suas questões procedimentais, de pesquisa, de como fazer, por onde começar. Se formos pensar em momentos históricos de grandes mudanças ou rupturas podemos perceber como as duas estavam presentes ali (...) Não é possível dissociar uma coisa da outra (...).

Ao serem levados a pensar a importância da divulgação científica o entrevistado 1 afirma,

Vivemos num país onde a informação, a educação é uma grande questão (...). A ciência só tem sentido quando entendida por todos, questionada, colocada realmente em prática na sociedade como um todo. A divulgação científica, a popularização da ciência, age nesse sentido de empoderamento. De que cada um saiba, entenda, descubra que vivemos em sociedade e que influenciados e somos influenciados. E, portanto, conhecimento só vale quando distribuído, desmistificado, questionado. E a arte só vem a somar nessa questão como instrumento questionador(...).

Na atual sociedade os processos de empoderamento são cada vez mais discutidos, pois é através deles que muitos se percebem participantes de um grupo, com questionamentos, desejos e aspirações diferentes dos demais. É esse processo de discussão

e reflexão acerca do papel e das contribuições individuais nas relações sociais, políticas e econômicas, que os mediadores do Ciência em Cena buscam fomentar em suas práticas. O que possibilita uma postura mais reflexiva de ciência e suas relações sociais. Condição *sine qua non* para o desenvolvimento do cidadão capaz de relacionar conhecimento científico e seu cotidiano, e discutir, de maneira consciente, as práticas científicas, seus impactos e benefícios.

Considerações finais

Em busca de conclusões inferimos que, em muitos momentos, a relação arte-ciência é tão intensa que não se pode determinar onde “começa” o cientista e onde “termina” o artista. Contudo, ainda mais importante que perceber quão estreita é esta relação, é fundamental que se perceba a divulgação científica e seus locais de reprodução como espaços de questionamento e construção de saberes necessários à formação de cidadãos capazes de solucionar, de maneira consciente e democrática, os desafios da vida moderna, seja no âmbito individual ou coletivo (BRASIL, 2002).

Todavia, a maneira como a transposição do conhecimento científico para uma linguagem mais próxima daqueles que não lidam diariamente com ciência é realizada deve ser muito cuidadosa. Pois a apresentação do fato científico de maneira pouco crítica pode reforçar uma série de representações simbólicas que legitimam e acentuam visões pouco reflexivas de ciência.

Ao ouvir os responsáveis pelo Ciência em Cena percebemos a preocupação em realizar diálogos que permitam ao visitante desenvolver o hábito de questionar, não somente ciência, mas também sua posição social como cidadão. Compreender estes espaços e as pessoas que neles atuam pode possibilitar o desenvolvimento de elos mais estreitos entre o conhecimento produzido no espaço não formal e na escola, permitindo futuras parcerias que auxiliem a ressignificação dos saberes escolares e sua aproximação com cotidiano.

Referências

- BENEDETTI FILHO E.; FIORUCCI, A. R.; OLIVEIRA, N.; BENEDETTI, L. P. dos S.; FERNANDES, R. J. O emprego do teatro como forma de divulgação científica em química. **UDESC em ação**. v.7, n.1, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/>>. Acesso em 27 jun. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília, 2002. 360 p.
- LOPES, Margarete. A favor da desescolarização dos museus revista **Educação & Sociedade**. Nº 40, dezembro, 1991.

MACHADO, Maria Iloni Seibe. O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida / Tese de Doutorado. **UNICAMP**. Campinas, SP.: [s.n.], 2009.

MARANDINO, Marta. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciências. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: 2005. v.12 (suplemento), p.161-180

MARANDINO, Marta; IANELLI, Isabela Tacito. Modelos de educação em ciências em museus: análise da visita orientada. Rev. **Ensaio**. Belo Horizonte. v. 14, n. 01, p.17-33, jan-abr, 2012.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C.; ALMEIDA, C. Carta dos editores convidados. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro: 2006. v. 13 (suplemento), p. 555-570.

MUSEU DA VIDA. Desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2008. Apresenta as atividades realizadas por este setor da FIOCRUZ. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

Sobre as autoras

Carolina Luiza de Castro da Silva

Carolina é docente do Estado do Rio de Janeiro. Recentemente se tornou doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado acadêmico em Ensino de Ciência pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ); Licenciatura em Química, pelo IFRJ, e em Ciências Biológica pela UNIGRANRIO.

E-mail: carolluiza.castro@gmail.com

Adrielly Ribas Moraes

Adrielly Ribas Moraes é bolsista CAPES e educadora popular na ONG CEASM.. Recentemente se tornou doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui mestrado acadêmico em Educação pela UFF e é especialista em Ensino de História e Ciências Sociais pela UFF. Licenciatura em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

E-mail: ribasadrielly@gmail.com

Shirley Lima de Azevedo Neta

Shirley é mestre em Ensino de Ciências pelo IFRJ (2016), graduada em Licenciatura em Química pelo IFRJ (2014). Foi bolsista do Programa de Iniciação à docência na graduação- PIBID e bolsista CAPES durante o mestrado. Atua nas áreas: ensino de ciências, jogos, interdisciplinaridade e ensino de química.

E-mail: shirleylazevedo@gmail.com

SCIENCE AND ARTE: ONE PROPOSAL OF SCIENCE POPULARIZATION IN CIÊNCIA EM CENA.

Abstract

In contemporary society there are many ways of popularizing science, amongst them the museums. In the same way, many questions arise during the process of transposition necessary for the popularization of science. Therefore, this paper aims to discuss the relationship between science and art, its roles and implications in the process of popularization of scientific knowledge. For this, we interviewed two people responsible for a scientific popularization environment in Rio de Janeiro, the Ciência em Cena. Results reinforce the idea that the relation between science and art is very close and, more than that, the scientific dissemination and its places of reproduction are spaces of questioning and construction of the necessary knowledge to the formation of citizens able to solve the challenges of the modern life, adopting a critical view about science.

Key-words: Art and Science; Popularization of Science; Science museum.

CIENCIA Y ARTE: UMA PROPOSTA DE POPULARIZAÇÃO DE LA CIÊNCIA EN EL ESPACIO CIENCIA EN ESCENA.

Resumen

En la sociedad contemporánea muchos son los medios de propagación y popularización de la ciencia, entre ellos los museos. De la misma manera, muchas son las cuestiones que surgen durante el proceso de transposición necesario para la propagación de la ciencia. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo discutir la relación entre ciencia y arte, su papel e implicaciones en el proceso de popularización del saber científico. Para ello, entrevistamos los dos responsables por un espacio de divulgación científica en la ciudad de Río de Janeiro, la Ciencia en Escena. Los resultados refuerzan que la relación ciencia y arte es muy estrecha, más que eso, la divulgación científica y sus lugares de reproducción son espacios de cuestionamiento y construcción de los saberes necesarios para la formación de ciudadanos capaces de solucionar los desafíos de la vida moderna, adoptando una postura crítica en relación a la ciencia.

Palabras Claves: Arte y Ciencia; Popularización de la Ciencia; Museo de ciência.